



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

POR UMA LITERATURA NÃO-EXÓTICA: ENTRE A POÉTICA DO IMAGINÁRIO E O AMAZONIALISMO

Eulisson Nogueira de Sousa Unemat;

eulisson.nogueira@unemat.br

RESUMO: Sob uma ótica particular, uma cosmogonia própria, o homem da Amazônia cria e habita seu próprio mundo, como afirma Paes Loureiro (1995) “Trata-se de um estado poético que evolui do devaneio, da livre expansão do imaginário”, o que confere uma simbiose entre homem e natureza e suas múltiplas formas de ser e estar nele. “A Amazônia é o mistério inventado pelos europeus” (Gondim, 2019, p.157), por isso é impossível falar do imaginário amazônico sem perpassar por sua história, pelo modo como foi narrada e apresentada ao mundo conhecido, o “velho mundo”. Desde Ulisses os relatos de viagem exercem sobre o homem um poder fascinador. Das viagens de volta à Itáca às crônicas de viagem de Heródoto, a história, a literatura, a antropologia e outros saberes convivem com a visão europeia de um mundo exótico, imaginado, inventado. A partir das discussões sobre a Amazônia, seus sujeitos, seres, rios e florestas, o presente trabalho busca refletir a posição da literatura contemporânea produzida na/da Amazônia e a forma como essa sociedade é representada, traçando um paralelo entre a poética do imaginário, a forma como o sujeito amazônico se comunica com o lugar e o amazonialismo, a impressão e determinação dos que de fora, com o olhar do outro, colonizador, buscam narrar e definir a Amazônia e os seus sujeitos. À luz de alguns textos literários, como *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum e *Chove nos Campos de Cacheira*, de Dalcídio Jurandir, é possível perceber uma narrativa da amazônica que se encontra com ela mesma. O imaginário amazônico em sua completa poética não pode ser confundido com o exotismo que marcaram as narrativas dos cronistas europeus do século XIII, escritos para divertimento dos nobres e tampouco pode figurar como um amazonialismo, onde a voz do “outro” sobre a Amazônia impera. O imaginário, que não reverbera, neste caso, o olhar do colonizador, mas sim, a afirmação da identidade e alteridade de um povo foge aos relatos fantasiosos, descritos a partir da visão colonizadora, dos cronistas, dos viajantes; este imaginário, pelo contrário, é a tessitura de uma cosmogonia própria. Como aporte teórico lançaremos mão de Paes Loureiro (2015), Gerson

Albuquerque (2017), Regina Delcastagnè (2012), Ana Pizarro (2012), Antonio Candido (2006) e outros que possam contribuir para a discussão da temática abordada. É importante observar que o exotismo vinculado ao amazonialismo pautou as literaturas sobre a Amazônia que ao modo das literaturas de viagem narraram e inventaram uma Amazônia apenas lendária, de homens e mulheres preguiçosos e avessos ao progresso, com base, em suma, na visão do outro, uma visão pré-concebida e limitada tendo assim, portanto, a Amazônia, servido durante muito tempo apenas como lugar místico, misterioso e a ser explorado, não se respeitando a poética do imaginário que circunda a sociedade plural, que valida a vivência, as tradições e a formação social e cultural de um povo. É preciso trazer a Amazônia para o centro da discussão com aquilo que traduza a poética do imaginário do seu povo, das matas, rios e florestas; dos sujeitos que perfazem a identidade amazônica.

Palavras-chave: Imaginário; Exotismo; Amazonialismo; Amazônia